

PROBLEMAS SINDICAIS

E' necessário que principiemos pelo princípio

Os militantes têm dois trabalhos diferentes a realizar na organização operária, um de carácter interno, outro, externo. Este é o da propagação de princípios, da crítica à sociedade capitalista, do combate constante, firme e bem orientado às instituições burguesas; o outro é o do aperfeiçoamento dos quadros sindicais.

Tanto um como o outro trabalho são de idêntica importância. Têm de coexistir. Não há possibilidade de manter uma organização forte, bem armada na sua vida interna, sem a existência de uma larga acção exterior de combate e de propaganda. Esta traz para o seio da organização os elementos de trabalho, uns propensos aos labores de movimento e agitação, outros mais dados a trabalhos de gabinete.

Muitos militantes imaginam ser desnecessário o trabalho de gabinete. E' preciso extinguir esse erro de visão que, espalhado, pode trazer péssimas consequências. O labor de gabinete é importantíssimo. Principalmente no nosso país, cuja percentagem esmagadora de analfabetos peza sobre as classes trabalhadoras, elementos cultos capazes de redigir um relatório com correcção, de elaborar uma tese ou um estatuto, de organizar uma estatística, de fazer a escrutinação de um sindicato, são raros e valiosos. São sempre poucos os militantes aptos para o trabalho de carteira.

O funcionamento dos vários organismos sindicais, a-pesar-do aturado trabalho de uns tantos, tem sido pouco estudado. Sente-se a falta de uma comissão ou conselho de estudos económicos adaptados à organização sindical. Os livros que por esse mundo existem sobre o assunto são escritos em linguas estranhas que raros de entre nós conhecem. Mas, reconhecendo estas dificuldades, não devemos deixar de lutar por vencê-las pouco a pouco. Não há impossíveis para a vontade humana. Com fé e energia tudo se alcança.

Urge entrar numa fase de actividade que atraia à organização operária elementos novos, capazes de substituir com vantagem de recentes energias e de mais vasta cultura, os militantes cansados, extenuados por uma longa e intensa vida de propaganda e de sacrifício em prol da causa proletária.

E para trazer elementos novos, cheios de ardor e entusiasmo, é necessário intensificar a propaganda por esse país levando a fé aos que, longe dos grandes centros, principiaram a desanimar e a descer; é necessário encetar um trabalho intenso de captação nos meios intelectuais e escolares, nestes últimos principalmente, onde haverá porventura elementos aproveitáveis pelo seu desinteresse e pela sua cultura.

Estimariamos ver lançar um movimento de renovação e de progresso dentro da própria organização operária. Para reformar e engrandecer os quadros sindicais não bastam os congressos periódicos. E' preciso movimento, acção em todas as células que compõem a organização operária nacional. A Confederação coordenará esse movimento dando-lhe unidade e apresentando por sua vez os seus alvíres e conselhos.

Um grande trabalho se depára aos jovens militantes que chegam agora à luta e aos velhos militantes prestes a abandoná-la: a renovação e o aperfeiçoamento das células sindicais. E para alcançarmos esse objectivo, urge quanto antes principiar pelo princípio: a propaganda.

O REGIME DOS TABACOS

Só com uma acção enérgica o pessoal das fábricas conseguirá destruir a ameaça que sobre ele impende

O que decidiu o Parlamento sobre a situação do pessoal extraordinário, cujas condições de trabalho são inferiores às do pessoal da "Régie"? Nada, absolutamente nada!

O que decidiu o Parlamento em relação ao pessoal, com mais de 20 anos de serviço e 60 de idade que está ao abrigo da vergonhosa reforma de 5500? Nada, absolutamente nada!

O que decidiu o Parlamento no que concerne à situação daqueles operários que foram despedidos da Companhia dos Tabacos por terem tomado parte na última greve da classe tabaqueira? Nada, absolutamente nada!

De qualquer das três questões acima expostas não couro de saber esse circo de arlequins, e muito especialmente do que respeita ao pessoal vítima do estrabismo ódio do negregado monopólio.

A Companhia que os despediu é porque eles não eram submissos, é porque eles onusaram algum dia erguer a sua voz contra a exploração de que eram vítimas—comentários, recostados nos seus fauleis, os illustres representantes do povo.

Assim tem sido no já largo debate parlamentar sobre o problema dos tabacos e assim será até final da discussão que parece não terminar tão breve. A conclusão única a que se chegará depois de tão longa verborrêia já a podemos anunciar: «a que as regalias que o pessoal gozava à data da terminação do contrato serão respeitadas».

E com essas regalias o pessoal viverá eternamente e com a doce esperança de ver modificada a sua situação quando os seus caroscos generosamente o entenderem.

Este futuro presagiado a sete dias do fim legal do monopólio privado, só não terá uma confirmação absoluta se o pessoal das fábricas fizer ouvir de uma maneira mais vibrante os seus protestos contra o pouco cuidado que a sua situação tem merecido lançando mãos dos recursos que ainda dispõe e que são neste caso os seus últimos cartuchos.

Se confia no Parlamento tarde e a mais horas reconhecerá o seu erro!

Faltam apenas sete dias para a terminação do contrato que concede à Companhia dos Tabacos de Portugal o exclusivo do fabrico. Todavia o Parlamento ainda não proferiu a última palavra sobre o regime que sucederá ao monopólio privado. Por isso tudo quanto se conjectura sobre o futuro dos tabacos é prematuro, tudo quanto se insinua sobre o novo regime só pode ser tomado à conta de hipótese.

Mas se até 30 do corrente o Parlamento não pronunciar o seu veredicto em que situação ficamos no que concerne aos tabacos? Tudo se prepara para que o regime provisório, isto é, o regime que vigorará até o Parlamento dizer a última palavra, seja o do monopólio privado. E' dizer, a Companhia dos Tabacos ficará, durante algum tempo, com o exclusivo do fabrico, concessão que lhe garantirá mais alguns milhares de escudos enquanto o seu pessoal estorir de fome.

A quem cabe a responsabilidade de tal situação? Não curamos de saber essas coisas, porque se o fizéssemos, certamente não erraríamos dizendo que essas responsabilidades cabem exclusivamente aqueles para quem o «bolo tabaqueiro» sorri há muito tempo.

Aos operários das fábricas de tabacos

é que essa responsabilidade não cabe, porque estes, a-pesar-de únicos lesados, têm-se limitado a uns protestos platinóticos para verem atendidas umas insignificantes reclamações—que apenas lhes garantam a sua existência como classe. E essas pequenas reclamações, de que mais de uma vez nos fizemos eco, a despeito de justíssimas, não encontraram no Parlamento o devido aplauso. E a prova-lo temos a atitude da grande maioria parlamentar na discussão dos pareceres das comissões parlamentares.

Em que princípios tem sido orientada essa discussão? Em nenhum. São coisas de que nem os «pais da pátria» se preocupam. A sua única preocupação consiste na defesa dos interesses de grupo que, como é notório, não são os interesses dos que trabalham.

Os interesses dos que trabalham não são nem podem ser defendidos pelo congresso da república. Uma das maiores provas está bem patente:

O custo da vida na Rússia
REVAL, 22.—Ao discutir-se o orçamento, no congresso dos soviets, o sr. Larine declarou-se forçado a reconhecer que a capacidade de compra da moeda russa se quebrou de quinze por cento, argumento que a elevação do custo da vida é devida à tolerância que favorece a iniciativa particular do comércio retalhista.—(H.)

Um ministro em cheque

PARIS, 22.—A câmara dos deputados rejeitou hoje por 366 votos contra 163 uma emenda que tinha por fim reduzir os créditos pedidos para a convocação dos reservistas. O sr. Painlevé, ministro da Guerra, tinha posto a questão de confiança.—(H.)

Uma nova forma de pagamento

NOVA YORK, 22.—Pela primeira vez foi hoje pago um cheque do presidente da Associação radiotelegráfica da América, enviado de Londres, por foto-rádio, por um banco de Nova York. O cheque era da importância de mil dólares.—(H.)

Odio de classes?

BARCELONA, 22.—Houve um choque entre um comboio de luxo, procedente de França e outro de mercadorias, ficando 5 pessoas mortas e umas trinta feridas.—(H.)

Tratado germano-russo

LONDRES, 22.—O sr. Chamberlain foi ontem interrogado na câmara dos comuns sobre a atitude da Grã-Bretanha perante o recente tratado germano-russo. O ministro dos negócios estrangeiros declarou que o mesmo tratado não contém ponto algum que não esteja em concordância com o espírito ou quaisquer parágrafos do pacto de Locarno.

O sr. Chamberlain acrescentou que o governo britânico notificou aos restantes signatários do pacto, comunicando-lhes esta sua opinião.—(L.)

Alguns comentários inofensivos sobre o caso das notas e os tubarões nacionais

O sr. Boudoin, procurador da corôa holandesa, não concedeu entrevistas aos jornais portugueses. Porquê? Por falta de correcção? Porque não tinha revelações a fazer? Não. Estamos certos de que o sr. Boudoin é uma criatura correcta e que, se falasse, muito teria para dizer. E é precisamente porque o magistrado holandês muito teria para dizer que se manobram as coisas de forma a inibi-lo de falar.

Se ele falasse riria facilmente a igreja de Alves Ferreira, o investigador. Ele previu o desastre—e para evitá-lo, não se esqueceu da sua qualidade de antigo conselheiro, aconselhou o sr. Boudoin a que não concedesse entrevistas aos jornais portugueses «porque eles deturpam tudo».

Ao sr. Alves Ferreira, encobridor consciente do Banco de Portugal, não conviriam certamente as declarações desasombradas que possivelmente o magistrado holandês poderia fazer. Alves Ferreira quer obrar no silêncio. Pois que obre—que para ele obra...

Aquela gente do Banco de Portugal é insaciável. Ela anda ruminando na sombra o nosso dinheiro, a nossa pele e os nossos ossos. Não há nenhum pedaço saboroso que não cubice. Mal lhe cheira a boa posta rilha logo os dentes, alia as garras e prepara o salto.

Ora vamos ao caso. Tem estado, ao que nos dizem, gravemente enfermo o sr. Tomé José de Barros Queiroz, que na Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro disfruta um lugar de muitos contos de reis.

Aguardando ansiosamente o desenlace funesto, os corvos espream a presa. Um dos que mais atarefados se mostra é o sr. Rui Ulrich, director do Banco de Portugal que só neste estabelecimento de crédito tem, como já denunciámos, a bonita quantia de 500 contos por ano. O homem está manobrando a fim de obter a presidência do conselho de administração para si e a futura vaga para um afilhado, um ninguém qualquer da família, um menino que acode ao nome de Casal Ribeiro e que veio para a vida animado de bom apetite.

O melhor auxiliar na manobra tem sido o Banco Ultramarino, à frente do qual se encontra o mano João Ulrich. Também manobram o já célebre Afonso Costa e o Fausto Figueiredo, de quem a classe ferroviária ainda não se esqueceu.

Que tal a canalha, hein?

Temos dado aos leitores vários informes acerca dos homens do Banco de Portugal. Mas a curiosidade de quem nos lê não cessa nunca. Temos recebido por escrito pedidos para que mais pormenores interessantes publicásemos sobre essa gente.

Aos nossos correspondentes curiosos diremos que Roma e Pavia não se fizeram num dia. O muito que há para dizer a seu tempo virá. Por hoje para entrete a debilidade dos ansiosos poderemos revelar, por exemplo, que o sr. Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal, e cuja virgindade intacta trocou o conselheiro Alves Ferreira tão contente, era o íntimo e o sócio do sr. Ricardo Malheiro. Os leitores não sabem quem é o sr. Ricardo Malheiro? Ora vá lá mais uma revelaçãozinha: é o principal responsável da derrocada do Banco Comércio do Porto.

Mas os leitores são insaciáveis—e não há remédio senão contentá-los. A negociata de Angola? Os homens do Século? Tudo isso vai marchando, descansem. Para Itália voltaram a partir, com escala por Paris, alguns emissários. Parece que o negócio chegará a bom termo. Mussolini não deixa de pregar a constituição do velho imperialismo romano agora com vastas colónias em África.

Outra novidade que nos tem esquecido tornar pública: Reuniu-se há dias a assembleia geral da União dos Interesses Económicos, vulgar «forças vivas», vulgar Sociedade Nacional de Tipografia, mais vulgar ainda—Século. Nessa assembleia foram votadas cho- rudas gratificações a Trindade Coelho, Pereira da Rosa, Amalzak e Carlos de Oliveira. E o escriba—preguntarão—não recebeu nada? Sim, amigos, Adelino Mendes também foi especialmente gratificado.

Agora andam mais calmos, mais sossegados. O caso explica-se: os animais enquanto ruminam conservam-se docéis e tranquilos.

Notas & Comentários

A Infiltração

Os tripulantes do «Infante de Sagres» já apareceram. Foram salvos, bem como o avião, por um modesto barco de pesca. Mas como a reacção religiosa está detunada, com a complacência da república, as suas mánotas de fé, já o «Correio da Noite» não impede o jornal monárquico, se apressa a mandar dizer por um capelão, militar uma missa em acção de graças, por terem aparecido—os desaparecidos. Em breve, com a habilidade na mentira, que os caracteriza, os padres farão acreditar que os aviadores se salvaram por milagre—pois o mar deveria ter-se tornado duro como pedra só para que o avião «sossebrasse».

Órgão desalfinado

O órgão monárquico—órgão bastante desalfinado—quizeu ontem entoar uma canção mas os sons saíram-lhe frouxos e roufenhos. Meteu-se a criticar assuntos internos da Confederação, que desconhece completamente. Insinuou discórdias, que não existem, entre a redacção e o Conselho Confederal e ridicularizou alguns delegados pelo facto de serem manufacturadores de calçado. As profissões, por mais modestas nunca deprimem o profissional. Ser sapateiro é tão honroso como ser jornalista desde que se exerca a profissão com zelo, competência e amor ao trabalho. Mas o órgão monárquico emudece suas vozes quando os correligionários travam batalhas lá na redacção—tudo porque reina, sem rei nem roque, a paz e a harmonia nas falanges monárquicas...

Radio-broma?

Primo de Rivera anda muito preocupado com a existência misteriosa de um posto de telegrafia e telefonia sem fios que todos os dias transmite, a inúmeras pessoas de Espanha e do estrangeiro, o que a censura militar não deixa publicar. Ruidos insólitos, ondas desconhecidas trazem a ditadura espanhola muito inquieta, tanto mais que toda a policia do reino tem sido impotente para dar com o paradeiro da misteriosa estação. Supõe-se já que a oculta radio-telegrafia esteja montada sobre um automóvel que, percorrendo incessantemente as estradas, despista cotidianamente a policia.

O governo já oferece a tentadora soma de cinquenta mil pesetas a quem indicar o paradeiro da importuna estação. A ditadura espanhola anda, então, ameaçada por um novo género de conspiração. E quando alguma notícia alarmante corre pela nação ou pelo estrangeiro, Primo de Rivera apenas saberá dizer: «No te apures, chico... Es un rádio-broma».

Pedras municipais...

A Câmara Municipal está explorando uma pedreira nas terras do Sabido. Sucede que todos os dias são feitas cerca de cinco explosões violentas, das quais resultam danificações nos prédios que distam da pedreira uns 25 metros. Devido a essas explosões saltam pedras com grande violência estilhando os vidros dos aludidos prédios. Numa dessas últimas explosões, além de se estilhaçarem os vidros, uma das pedras ia causando a morte de uma criança. A Câmara compete evitar esta situação perigosa para os moradores dos referidos prédios.

A ratoeira

A ratoeira das «séries» ainda não terminou. Está resuscitando. Os maiores culpados são o público e a imprensa. O público porque se deixa apanhar; a imprensa

EM MARROCOS HAVERÁ PAZ OU GUERRA

Os rifenhos não acreditam na sinceridade dos seus inimigos

OUJJA, 22.—Os delegados rifenhos tornaram público o seguinte comunicado acerca da entrevista havida no campo de Bertheux:

«No dia 18 de Abril reunimo-nos com as delegações francesa e espanhola no campo Bertheux. As apresentações foram feitas pelo presidente da conferência, general Simon, abrindo-se em seguida a primeira sessão e iniciando-se a troca de impressões em volta dos seis pontos principais, quatro dos quais não podem ser aceites sem algumas modificações.

«A aceitação das duas condições preliminares não já do conhecimento público. As duas outras são do seguinte teor: Libertação imediata, mesmo antes das negociações de todos os prisioneiros; avanço das tropas espanholas e francesas até determinadas posições ocupadas por tropas rifenhas, fazendo-se pacificamente a ocupação.

Estas condições foram vivamente discutidas, sendo certo que os primeiros debates incidiram sobre as quatro condições já conhecidas, e que terão que ser modificadas para que possam tornar-se aceitáveis.

«A aceitação destas condições preliminares não poderão ser possíveis, em nossa opinião, sem que as negociações oficiais estejam entabuladas. Se libertarmos os prisioneiros e se aceitarmos o avanço das tropas francesas e espanholas numa zona determinada, não ficaremos garantidos por qualquer acordo, antes seremos enganados. Contudo, solicitamos um prazo para consultar o emir Abd-el-Krim.

«Notemos que estamos convencidos pessoalmente que estas condições jamais serão aceites se os governos não nos fizerem concessões.

Este comunicado era assinado pelos diplomatas rifenhos Mohamed Azarkan e Ahmed Cheddi.—(H.)

Falharam as negociações de paz

OUJJA, 22.—As três delegações encarregadas de negociar as condições de paz, francesa, espanhola e rifenha, separaram-se sem terem chegado a um acordo definitivo, devendo reunir-se de novo mais tarde, numa data ainda não fixada.—(H.)

Dívidas de guerra

WASHINGTON, 22.—O acordo para a consolidação das dívidas de guerra francesas estabelece o pagamento das mesmas em 62 anuidades, as quatro primeiras de 25 milhões de dólares, a que se seguirão de 30 milhões, progredindo gradualmente até atingir 125 milhões.

Um novo transatlântico

SPEZZIA, 22.—Realizaram-se ontem solenes cerimónias inaugurando a nova linha eléctrica que de Spezia parte para o Levante e festejando o lançamento ao mar do novo transatlântico «Giuseppe Mazzini».

porque dá guarida a esses anúncios em que se promete um paraíso por uma bagatela. Ainda ontem um jornal da tarde publicava um anúncio de página de uma dessas casas duvidosas.

NOTÍCIAS DA GUINÉ

Respondendo a um artigo de António Pereira Cardoso

Refuta-se a afirmação de que os deportados são bem remunerados pelos trabalhos que fazem e mostra-se que as suas condições de vida não têm nada de invejável

Os jornais ultimamente chegados da Metrópole, em simples notas de redacção ou em artigos subscritos por indivíduos que—embora tendo passado por aqui como gato sobre brasas—pretendem estar autorizados a emitir opiniões irresponsáveis sobre tudo que se passa na Guiné, dão a entender que não há razão para tantos protestos e tantas reclamações a favor dos deportados, porque estes vivem no paraíso... Principalmente o sr. A. Pereira Cardoso, que escreveu do assunto, em artigo especial, para *O Comércio do Porto*, chega a afirmar, descaradamente que os «elegionários» não de ter bendo muitas vezes o acto arbitrário que os mandou para a África—porque entende ter o governo dos famigerados Vitorinos praticado uma verdadeira «obra de regeneração, chamando ao caminho do lar, do trabalho e da felicidade aqueles que, por uma má assimilação de ideias, se encontram criminalmente revoltados contra tudo e contra todos».

Este cavalheiro, de cujas veleidades poéticas e jornalísticas já nos haviam falado alguns rapazes seus companheiros do quadro administrativo, afastou-se lamentavelmente da verdade!

Querendo ainda aproveitar o assunto das deportações para fazer públicas, num infeliz «a propósito», as suas bajuladoras referências à administração política e económica de desta província vem fazendo o sr. tenente-coronel Velez Carozo, escorregou e fez afirmações que só serviram para vincar no espírito de todos que o conhecem a ideia de que realmente nada vê do que por cá se passa.

Entende o sr. Cardoso «que a situação dos deportados é invejável»—embora declare que no curto período de três meses—o medonho período das chuvas, que novamente se aproxima!—morreram quatro deportados, vítimas do incurável beribéri e da endémica anémia palustre, que tão fortemente infelicitam a população desta futura província! Mas entende assim porque houve um jornal de Lisboa que teve a desgraça de informar que havia deportados que estavam aqui a realizar fortuna, e ainda porque alguém lhe disse que o *Bela-Kum* vencia, na Imprensa Nacional, cerca de quatro mil escudos por mês!

Mas porque não buscou o infeliz articulista informações fidedignas?

Porque não quiz!

Tivemos ocasião de travar aqui relações com dois irmãos do sr. Cardoso—Belmiro e Bruno; o primeiro do Banco Ultramarino e o segundo da Casa Borges & Dias—, temos a certeza de que não serão capazes de sustentar as afirmações do «funcionário colonial». Um e outro, sabem perfeitamente que os deportados sociais—excepção feita de dois ou três—ainda sofrem toda a espécie de privações. O primeiro, porém, visitava amide o pavilhão que, no recinto do Quartel, o governo destinou para residência dos «elegionários» e, vivendo mais ou menos intimamente com um deles, que é seu conterrâneo, tomou perfeito conhecimento da vida miserável que todos atravessavam.

Essas condições de vida melhoraram? Sim. Inevitavelmente! Mas não porque os deportados fossem dadas quaisquer facilidades. E' que o tempo das chuvas passou, e com ele passaram as condições favoráveis ao aparecimento e desenvolvimento do terrível anofelis.

Toda a gente que aqui tenha residido sabe que durante os meses de julho a Novembro se encontram por toda a cidade (?) abundantes reservatórios de água, onde os mosquitos medram e se tornam aptos para inocular o *hematozooário* que absorvem e dentro deles se transforma no terrível germen que há de provocar novos casos de impaludismo.

Ora de há quatro meses a esta parte, quer dizer, desde que com a cessação das chuvas todos os pantanos e lagos secaram, diminuíram sensivelmente as condições próprias do impaludismo, registando-se de então para cá quasi unicamente casos de recidiva, não somente nos deportados, mas em todos aqueles que dão, colectivamente, os elementos com que a medicina realiza as suas conclusões, do ponto de vista da morbilidade em geral.

Se a alguns deportados foi dada colocação pouco depois da sua chegada aqui, não é menos verdade que estes pouco aproveitaram desse trabalho, por estarem continuamente doentes. O trabalho, em média, 15 dias, alternados, por mês, com acécia, e a perceber o insignificante salário de 30\$00, não resolve de modo algum a situação miserável a que os deportados continuam enclausurados. Não!

Nenhum europeu pode, para viver com decência e precavido contra as numerosas doenças que assolam esta província, passar com menos de 1.500\$00 por mês.

Estamos prontos a prová-lo!

E se o sr. Pereira Cardoso for realmente capaz de prestar culto à Verdade, que diga, sem subterfúgios nem sofismas, a quanto montavam as suas despesas, mesmo no tempo em que era simplesmente 2.º oficial!

Os leitores de *A Batalha* far-nos-hão simplesmente justiça, acreditando que não estamos a descrever horrores e dificuldades que aqui não há.

Julio Quintinha, brilhante escritor e jornalista, bem conhecido de todos não só pelo seu admirável talento mas pelo belo espírito que possui, escreveu da situação dos deportados o que viu e ouviu—neste sombrio palco onde nós temos assistido ao desenrolar duma das mais impressionantes tragédias havidas na história do proletariado português! E a nossa pobre pena, que carece de recursos para poder fazê-lo, nem sequer tentou ainda descrever uma das numerosas cenas de dor e de miséria que temos presenciado nesta região insópolita da Guiné!

E' que não nos anima a intenção de im-

pressionar o público—nem está nos nossos hábitos esperar melhorias providas como efeito da publicação de largos arrazoados...

O que desejamos é que, por sobre todas as falsas atoardas, brilhe, como um clarão, a luz inapagável da Verdade.

O sr. Pereira Cardoso, aliás, é o próprio a fornecer-nos elementos para o desmentir.

Valer-nos hemos desses elementos, agora e sempre que tenhamos de responder-lhe.

Quem não se lembra do comunicado telegráfico, que mandámos para *A Batalha*, há cerca de 5 meses, dando a inequerada notícia de que José Gomes Pereira havia enlouquecido?

Todos devem lembrar-se, porque o facto feriu tão profundamente a sensibilidade pública, agitou tão fortemente a consciência do proletariado e de toda a gente de sentimentos nobres, que dificilmente será olvidado.

Pois bem. Até essa dolorosa verdade o sr. Pereira Cardoso quiz relegar, atribuindo ao «Avante» um diagnóstico que não sabemos, francamente, se terá sido proferido pelo pelos médicos do hospital!

«Anémia palustre!»

Quando José Gomes Pereira entrou para o hospital de Boima, disse-nos o dr. Sant'Ana Barreto, seu médico assistente, que se tratava simplesmente (H) dum gastro-interite.

Nunca ouvimos falar que o doente fosse atacado de febres palustres. E o que se deu foi que da simples gastro-enterite, de que o dr. Barreto nunca tratou como devia, resultaram complicações nervosas, que dia a dia se agravaram e que fizeram do pobre «Avante» o farrapo humano que ali está, sem ao menos poder pensar se lhe será dado um dia tornar a ver os seus...

O sofrimento do «Avante» tem também a sua origem intimamente ligada a fortes razões morais. Para falar do seu estado, porém, precisamos fundar a nossa opinião em conhecimentos inconcursos, e é o que vamos fazer por estes dias, entrevistando o ilustre médico sr. dr. Monteiro Filipe, director do hospital.

Não cremos ser necessário ir mais longe, por hoje, porque julgamos absolutamente pulverizadas as declarações feitas no artigo que *O Comércio do Porto* publicou.

Está demonstrado que os deportados não vivem, como a imprensa burguesa pretende, «à tripa fórra». Não é demais, porém, repetir que o próprio Estado, que é o patrão-mór da província, paga a quem emprega apenas metade do ordenado estabelecido para os operários europeus, verificando-se esta coisa pasmosa:—Pedro Guia de Oliveira, um fundidor competentíssimo, que está a prestar serviço nas Oficinas Navais, vence—como de resto os outros deportados—apenas a insignificância de 30\$00 diários!

Chegará a ganhar 800\$00 mensais?

Não, com certeza!

E ai temos nós, posta a nú, a situação privilegiada dos «elegionários»,... que têm tido onde empregar a sua actividade profissional.

Guiné, 20-III-26.

Maurício de VILHENA

A guerra civil na China

LONDRES, 22.—Dizem de Hong Kong ao *Times* que os moderados têm obtido vantagens na sua luta contra os extremistas. A organização comunista de Cantão, conhecida pela designação de «aliança de jovens soldados», foi dissolvida e os seus membros passaram-se a uma organização moderada do partido socialista revolucionário que começa a tornar-se uma poderosa força política.—(H.)

A Itália em festa

ROMA, 22.—Em toda a Itália foi ontem solenemente festejado o triplice acontecimento da Natalidade de Roma, da Festa do Trabalho e do Dia Colonial. Toda a cidade apareceu embandeirada logo pela manhã, realizando-se numerosas manifestações a que se associaram vários representantes do parlamento e do governo.

O rei Vitor Manuel, depois de presidir ao lançamento da primeira pedra dum monumento, inaugurou o Museu Colonial e o novo e grandioso Hipódromo de Capannelle, onde assistiu a várias corridas.

O sr. Mussolini ofereceu à noite no palácio Chighi, um banquete em honra dos delegados ao Instituto Internacional de agricultura e dos membros do corpo diplomático, e a cidade esteve brilhantemente iluminada.—(L.)

Nova estação de telegrafia sem fios

RIO DE JANEIRO, 22.—Foi inaugurada a nova estação de telegrafia sem fios, de grande potência e sistema Marconi.

O ministro das obras públicas enviou um vibrante radiograma de saudação ao senador italiano Marconi.—(L.)

UMA NOVA GUERRA?

LONDRES, 22.—O *Daily Telegraph* sabe de fonte geralmente bem informada que na Anatólia todos os manobres de 19 a 26 anos foram já ou vão ser mobilizados e que os exércitos turcos estão fazendo já a sua concentração em Smirna e Hersina e em volta dos entroncamentos ferroviários de Afium-Karahissar.—(H.)

OS TRIPULANTES DO FOKKER 25

foram recolhidos por um barco de pesca depois de andarem 18 horas no mar

As boas notícias, dizia-nos alguém há dias, iam sempre. As más espalhavam-se rapidamente. A boa notícia do salvamento dos aviadores Moreira Campos e Neves Ferreira tardou muito — mas chegou.

As boas notícias alegrem sempre, os corações generosos e o povo que é generoso e bom, regosijou-se com ela, ontem tarde.

O primeiro telegrama que se recebeu em Lisboa anunciando o salvamento dos dois aviadores foi expedido do Funchal, numa exaltação patriótica que é um pouco ridícula, mas que não deixamos de respeitar pelo entusiasmo sincero que representa. Reza assim:

«FUNCHAL, 22, às 8,35.—Viva Portugal, que, a pesar de pequeno, é grande e heroico!»

Acaba de chegar o Cabo de Mar de Santa Cruz, próximo de Machico. Diz que os aviadores e o aparelho foram salvos por um barco de pesca.

Pouco depois — às 10,30 — o Comando Geral da Armada recebia a confirmação oficial, nestes termos:

FUNCHAL, 22 (urgentíssimo).—Com a maior satisfação, comunico a V. Ex.ª que o Cabo de Mar de Santa Cruz — costa a leste da Madeira — comunica, às 6 horas Greenwich, que um barco de pesca chegou a Santa Cruz às 6 horas Greenwich, conduzindo o aparelho e os aviadores, que foram encontrados cerca de 5 léguas ao Norte de Porto Santo, às 9 horas Greenwich, de 21.

O «Tamega» largou do Funchal às 7 horas Greenwich. Mandei «rádio» para avisar e transportá-los ao Funchal.

Os aviadores ilhos.

Solicito apresentar felicitações ao pessoal da Armada e a S. Ex.ª o Ministro.—Capitão.

Pouco depois recebia a seguinte comunicação:

FUNCHAL, 22, às 9,10.—O «destroyer» «Tamega» já está na posse do hidroavião e dos aviadores, em Santa Cruz, para onde foi também o capitão do porto.—Capitania.

Finalmente dos aviadores recebia-se o seguinte cabograma:

«Direcção da Aeronautica Naval—Lisboa.—Paragem devida «panne», às 16 horas do dia 20, a 10 milhas ao Norte do Porto Santo.

A's 10 horas de 21 fomos socorridos por um barco de pesca que rebocou o aparelho para Santa Cruz, onde chegamos às 7 horas e 22 minutos.

O aparelho bom. Nós bons.—Tripulação do hidroavião «Sagres».

O ministro da Marinha expediu, ontem, aos aviadores o seguinte rádio:

«Em meu nome e no da marinha felicito os nossos valerosos camaradas por terem chegado ilhinhos, fazendo votos para que de futuro nos vossos «raids» tenham o êxito que merecem pelas suas aptidões, coragem e sangue frio de que têm dado provas.»

Para a família do tenente Moreira Campos, também o sr. ministro da Marinha mandou o seguinte telegrama:

«Em meu nome e no dos meus camaradas felicito a ex.ª família do tenente aviador Moreira Campos por ele ter saído ileso da avaria ocorrida no avião que tripulava e ainda pela coragem e sangue frio que tem revelado.»

Igual telegrama enviou à família do tenente aviador Neves Ferreira.

Uma comissão composta pelos srs. drs. Santos Vila, João Matias, Correia de Almeida, José Gameiro e José Duarte Costa, dirige hoje, ao povo de Lisboa o seguinte convite:

«Convida-se o povo de Lisboa a comparecer hoje, às 21 horas, no Rossio para, em sinal de regozijo pelo aparecimento dos intrépidos e arrojados aviadores, cumprimentar a ex.ª o ministro da Marinha, seguindo o cortejo no Terreiro do Paço.»

Um advogado insolente

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Camarada redactor.—Apesar da falta de espaço com que luta o nosso jornal, tomo a liberdade de pedir a publicação de um caso, por ele demonstrar a autoridade de que criaturas reaccionárias se julgam possuídas, apenas porque tiveram a sorte de ter quem possuísse os meios suficientes para os elevar à categoria social em que presentemente se encontram.

Na estação do caminho de ferro de Sintra, estacionam à chegada dos comboios grande quantidade de trens e automóveis, os quais, após a chegada daqueles têm por hábito debandarem em diferentes direcções e alguns cocheiros dirigem-se aos transeuntes oferecendo-lhe os carros e descrevendo os diversos locais dignos de serem visitados; succede, exactamente, este caso com o n.º 10 do comboio de Sintra, quando o senhor de Sintra, que aqui exerce a sua actividade, e que tão triste celebridade está adquirindo, pois tendo este senhor desembarcado com um seu cliente no comboio das 13 horas do dia 8 do corrente foi abordado por um cocheiro que amavelmente lhe ofereceu um carro. Este senhor, porém, lá porque os negócios lhe não corremem à medida dos seus desejos, e querendo talvez demonstrar até que ponto ia a sua educação, respondeu ao cocheiro insultando-o e tomando uma atitude agressiva.

Claro está que o referido cocheiro que não podia ficar calado, respondeu-lhe, mas com mais decência.

Aquêle advogado, porém, não compreendendo assim, dirigiu-se ao tribunal onde apresentou a sua queixa, mas quer-nos parecer que se arrependeu e a fará arquivar pois não lhe será conveniente que em pleno tribunal se torne público a que ponto chegou a educação de um advogado de... causas perdidas.

Este nosso comentário é puramente imparcial e assenta nas declarações de testemunhas que de visu presenciaram como os factos se passaram.

Agradece a publicação da presente o vosso e da causa.—Oisil.

Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE—A's 21 horas—HOJE

O maior êxito da actualidade

A peça de mais ilustre oportunidade

Espectáculo sensacional

A dansa da meia noite

Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizas 40\$00

Camarotes 40\$00

30\$00 e 20\$00

Fauteuils 10\$00

Superiores 6\$50

Geral 4\$00

Varandas 3\$00

O novo horário dos liceus

é mais uma demonstração

da mediocridade de um

ministro

Serviço de livreria de A BATALHA

chefe. N: do T. confidida atraz da conisa, que era assas elevada, m
cuja extremidade se baixava gradualmente até ao niv



NA ZONA DO CRIME

O alto comissário de Moçambique ordenou a deportação de mais 14 ferroviários?

LOURENÇO MARQUES, 14 de Março.—Depois de 120 dias de luta, na conquista de direitos arrancados por uma forma estúpida, começou a greve no declínio devido às fortes medidas de violência que em nenhum país seriam admissíveis.

De há muito que tínhamos a impressão de que os ferroviários dificilmente se poderiam manter debaixo do regime terrorista implantado em Lourenço Marques pelo soba Azevedo Coutinho e seus leais cooperadores.

Na passada quinta-feira, como Bartolomeu Severino visse a renitência dos ferroviários em se entregarem ao culeto ameaçador, resolveu levar por diante a deportação de mais 14 ferroviários com destino à fortaleza de Moçambique, onde vão expiar as culpas de orientadores da classe, segundo a acusação que impende sobre suas cabeças.

Nesse mesmo dia, ao K. 3 da linha ferrea rebentou uma bomba quando um comboio misto seguia na sua marcha para Ressano Garcia.

Ao comboio não sucedeu nenhum acidente visto a explosão ter-se dado depois da passagem do último veículo.

Resultou deste acto a perseguição em massa, estabelecendo-se cercos à cidade e a prisão de todo o ferroviário que estivesse nessa área.

Pela fadiga de 4 meses de luta e ainda pelo receio de uma revolta que se seguiu no «Fantasma» quando rebentou a bomba, deu o resultado deste se apresentar e quebrar assim a forte união que vinham de manter através dos sacrifícios e violências.

Não se lhe seguiu a derrocada completa pois que o grosso da classe se mantém no pé de não retomar o trabalho incondicionalmente, mas não temos dúvidas que amanhã se seguirá outros e depois outros, na correria vertiginosa para o trabalho, pois que estão fartos do sofrimento moral e físico a que os reduziu quatro meses de intenso martírio e de escravização.

Vai pois a greve ferroviária findar, sem que os trabalhadores tenham obtido as suas regalias anteriores, esmagados pela força bruta das armas e da violência à qual não puderam resistir.

Estando os governantes na disposição de efectuarem um completo esmagamento, não acceitam senão uma pequenina soma de grevistas, o que deixa antever que perto de 400 ficaram na rua, endividados, sem casa e sem ter onde recorrer.

Na hora que vos escrevo, paira sobre a cidade de Lourenço Marques uma sombra de tristeza e de desolação que só não é sentida pelos infames que têm vivido na província de Moçambique pelo roubo, pela crápula e prática de todos os crimes.

Sobre as cinzas do passado, resta no espírito dos trabalhadores, não a repulsa pela greve, mas, tão somente a tristeza de não disporem de meios eficazes em resposta à cobardia infame dos que tão desumanamente os trataram.

O governo de Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, como não produziu obra de valor para a colónia que habilmente sugou, a não ser o progresso intensivo das desmoralizações—que baldadamente é aqui defendida em conferências pelos seus secretários—regosija-se, nesta hora, em anunciar pelo telegrafo que, no fim de 4 meses de prejuízos que ascendem a um milhão de libras, conseguiu derrotar os ferroviários que se insurgiram contra uma Reorganização que lhes cerceava os seus legítimos direitos.

A loucura de Azevedo Coutinho, a sua inexperiência da solução de assuntos graves, deixou que se entregasse nas mãos de quatro indivíduos, e que estes deixassem arruinar o porto para consequimento dos seus intuitos meramente pessoais, quando a colectividade brama em altos gritos contra as suas prepotências e os seus caprichos.

Venceu Azevedo Coutinho; e dessa vitória que lhe festejaram com um lauto almoço na Namahacha senti-lo há a província com as suas ruínas e os ferroviários que ficam detidos a um canto, vencidos e perseguidos.

Venceu Azevedo Coutinho, e dessa luta em que empenhou a maior série de violências que se podem imaginar fica a recordação da guerra cobarda dum bando de aventureiros contra uma classe ordeira e contra a opinião do público que aqui reside.

E para que não julgáreis que exageramos, transcrevemos uma local do *Journal do Comércio* que relata a deportação dos grevistas para Moçambique:

«A greve ferroviária—Poucas foram as notícias que até nós chegaram sobre a greve, referentes a esta semana.

De positivo sabemos apenas que na manhã de quinta-feira, dia 11, precisamente no dia em que fez quatro meses que a greve se iniciou, largou da ponte-cais o transporte de guerra *Gil Eannes*, levando a bordo, dizem que para Moçambique, 14 ex-ferroviários. Não podemos fazer a crítica desenhada do caso porque sobre as nossas cabeças está pendente, afiada, temível e reluzente a espada de Damocles.

Aguardemos com serenidade o desenrolar dos acontecimentos e arquivemos tudo na nossa agenda para mais tarde, em ocasião propícia, fazer-mos a análise detalhada dos factos ocorridos desde 11 de novembro até ao final da contenda.

Por hoje apenas cumprimos o dever que a consciência nos impõe de desejarmos aos deportados uma feliz viagem, saúde e um breve regresso.»

Expressam-se assim as próprias folhas conservadoras, absolutamente identificadas com a causa dos ferroviários, que era de todo o ponto justa e que só encontrou renitência na vontade meramente pessoal do sr. Azevedo Coutinho.

Os actos terroristas dos Nicolaus da Rússia e ainda os actos agora praticados por todos os reacçãoários da inquisitorial Espanha, ficam a perder de vista perante os levados à prática pelo governo de Azevedo Coutinho e nos quais foram directos

participantes Bartolomeu Severino, Henrique de Sousa e o coronel Santana Cabrita.

O conflito ferroviário, que para ser esmagado assumiu, pela parte do governo, uma atitude revoltante e criminosa, marcou o espírito da população como uma demonstração do quão pouco vale a Constituição Política da República que encerra e taxa os deveres e direitos do cidadão.

Vimos que nenhum dos artigos está em vigor e que, portanto, o regime republicano, vive e mantém-se a coberto de todas as responsabilidades (salvaguardadas pelo direito da força) por um outro diploma diferente, que não a Constituição.

Perdura no espírito do povo, que as campanhas de propaganda pró-Colónias, não são mais do que uma série de artigos de bom gosto e em que o prozador além dos interesses pecuniários que daí auferir, espera que o seu nome seja lembrado quando de alguma vacatura em lugar do nome e de proventos.

Colonizar?

Azevedo Coutinho apenas encheu o seu cântaro com os avultados ordenados que auferir e relegou tudo quantos fosse o desenvolvimento intensivo da Colónia.

Não deixou porém a ruim manha de fazer generos nos presos em periodicos que ele próprio pagava, em exaltar as suas vastas qualidades de «grande administrador».

Quem de longe lê acredita mas quem conhecer de perto as dificuldades de Moçambique vê que se incorre na mais grave falta em estar a mentir ao país que lhe paga para ao menos ser verdadeiro.

Todos os actos que se levaram à prática durante a greve ferroviária e contra o protesto do público foi tudo o que há de mais inconveniente para quem queira justificar a essência da Lei e o respeito pela Constituição.

Durante quatro meses cometeram-se as maiores barbaridades. Prendeu-se sem culpa e sem ser em flagrante; assassinou-se o lar, violando-o; mantêm-se ainda grevistas presos há quatro meses sem culpa formada; deportou-se a esmo e ainda continua o uso do «vaga-fantasma», agora em duplicado, prendendo-se ainda às cegas.

As prisões que agora se fazem vão atingir elementos estranhos ao conflito e os actos de loucura sucedem-se sem um pequeno descanso que possa dar lugar ao raciocínio.

Moçambique, depois desta demonstração de loucura pela parte do governo de Azevedo Coutinho, ficou à beira do abismo.

Como governo de incompetência não se pode duvidar de que não exista maior, e como homens com instintos de fera também não é fácil assimilá-los a outros homens.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Hoje, pelas 19 e meia horas, serão distribuídos subsídios às famílias dos presos e deportados que a eles tenham direito.

«Amanhã, pelas 21 horas, o advogado do Conselho dará consulta a todos os operários confederados, sendo indispensável que estes apresentem as suas cadernetas confederais em dia.

AS GREVES

Tanoeiros da casa Pereira da Costa

V. N. DE GAIA, 20.—Como dissemos ontem, os operários da casa Pereira da Costa lançaram-se em greve contra a baixa de salários que aquele industrial pretendia impor-lhes.

Não se punha o sr. Pereira da Costa que os operários tanoeiros responderiam às suas pretensões, mas enganou-se!

Os operários tanoeiros, num gesto altivo, que muito os dignifica, não levaram a bem que se abusasse da sua miséria.

Em miséria já os operários viviam e, portanto, pretender ainda agravá-la mais, era uma desumanidade, pois o sr. Pereira da Costa, tinha operários a ganhar \$50!

Os grevistas nas suas reuniões demonstram não se renderem ao patrão explorador. Oxalá que assim seja.

Todos os operários de Gaia deviam compreender o gesto dos camaradas tanoeiros, porque assim não haveria quem quizesse abusar da sua situação de miséria.—C.

NO ESTRANGEIRO

Greve geral em Perpignan

PERPIGNAN, 22.—No bairro de Prades foi declarada a greve geral, tendo-se encerrado todas as oficinas e fábricas e havendo uma manifestação de sindicalistas através das ruas da cidade.—H.

Um protesto enérgico

SYDNEY, 22.—O patronato regosijou-se com a decisão do supremo tribunal que declarou inaplicável a semana inglesa nas indústrias compreendidas pela resolução federal que estatui a semana de 48 horas.

Cinquenta mil operários foram lesados pela resolução, tendo-se declarado em greve de protesto por 24 horas cerca de dois mil operários.—H.

O conflito operário na Inglaterra

LONDRES, 22.—O comité londrino, formado por delegados de 17 sindicatos de construtores de máquinas, decidiu iniciar um referendo entre os maquinistas sindicados sobre a greve para aumento dos salários em uma libra por semana. O chefe do governo procura entender-se com os proprietários das minas, insistindo por um acordo que permita sair da embaraçosa situação latente.—(H.)

HORARIO DE TRABALHO

Na «Voz do Operário»

A propósito da notícia publicada ontem sobre o horário de trabalho na «Voz do Operário», recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

Ao camarada redactor do jornal *operário* A Batalha.—E' absolutamente inexacto que no regulamento interno, ora em discussão na «Voz do Operário», se vá coartar regalias referentes ao horário do trabalho dentro da colectividade. Muito ao contrario, do que um grupo de empregados afirma, o regulamento mantém o horário ora existente, num dos seus artigos.

Se os empregados na «Voz do Operário», usufruam regalias, estas são agora ampliadas, e não se esqueça a comissão elaboradora, de olhar para o futuro dos mesmos empregados, indo até à obrigatoriedade da fundação duma caixa de pensões na inhabilidade, embora uma parte do mesmo pessoal se tenha, com assombro geral, manifestado na reunião em que o assunto foi tratado, por maneira a concluir que essa caixa de pensões não lhe interessava nada.

Agradecendo o esclarecimento do assunto, para que as coisas sejam postas nos devidos termos, subscreve-se pela comissão elaboradora da lei.—*Librio Cifuentes*, relator.

Decorreu muito animada a sessão dos empregados no comércio realizada ontem no Póço do Bispo

Efectuou-se ontem, no Póço do Bispo, na Associação dos Corticeiros, a segunda sessão de propaganda associativa promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria e em defesa do horário de trabalho.

Presidiu João Pereira, secretariando Edmundo Tavares e José Pinheiro. O presidente em frases rápidas expôs os motivos que levaram o Sindicato a promover estas sessões. Jorge Campêlo, em nome da comissão de melhoramentos, fez uma larga exposição da defesa das oito horas e da organização e expansão do Sindicato.

Mário Pinto, pela comissão administrativa, explicou o que deu motivo à organização deste Sindicato e fez uma defesa acalorada das 8 horas e do descanso semanal obrigatório ao domingo.

António Rodrigues Pereira, pela secção dos empregados menores, fez várias considerações de carácter social e atacou com conhecimentos o uso brutal das carroças de mão.

Manuel de Figueiredo historiou as «demarches» efectuadas junto do governador civil, o qual prometeu fazer cumprir o horário de trabalho. O orador aconselha a classe a não esperar esse auxilio, mas a conquistá-lo pela sua acção.

António Alves fez um vibrante apelo aos empregados no comércio da área do Póço do Bispo para que ingressem no Sindicato. O presidente salda a Associação dos Corticeiros e evoca o passado de lutas gloriosas desta classe que marcou no movimento operário.

Faz uma quente exortação, que levanta à assembleia fortes aplausos. Diz que a classe patronal se prepara para a retirar as 8 horas e faz um apelo a toda a classe trabalhadora para se opor a semelhante pretensão.

E' votada, por aclamação a seguinte moção:

«Os Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, domiciliados em Xabregas, Beato e Póço do Bispo, reunidos em sessão de propaganda promovida pelo seu Sindicato, concededores de que as leis do horário de trabalho e descanso semanal, bem como os seus respectivos regulamentos não são cumpridos nem respeitados por quem tinha o indeclinável dever de os acatar e fazer cumprir, resolvem:

1.º Significar ao Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, toda a confiança e aplauso à sua moralidade e benemerente acção, não só pelo integral respeito às referidas leis e respectivos regulamentos, como à sua activa e diligente persistência para que as mesmas se alterem em um espírito de mais ampla e justa regalia da classe que, entre todas, se pode ilizmente considerar como a mais desprotegida e vítima das classes preponderantes.

2.º Instar para que uma profíqua vigilância e fiscalização impeçam a continuação dos revoltantes abusos de que são vítimas a quasi totalidade dos marcanos e dos moços, sem respeito algum pela lei de protecção aos menores, sobrecarregando-os com serviços e pesos superiores às suas forças e forçando os moços a trabalhos em que não há limite de horas e ainda à degradante e vil exhibição de bestas humanas, entre varias de carroças de mão, exhibição essa em perfeito contraste com a já estatua afirmativa de que Lisboa é uma cidade de progressiva civilização.

3.º Saudar toda a organização operária e aproveitar o ensejo para lhe soltar as gritos de alerta e a postos por saber que se pretende, embora com a máscara de «provisória», revogar a referida lei do horário, para o que já estão empregando todos os meios de infiltração na pomposamente denominada opinião pública, tais como o custo da construção civil e toda a demais manufactura.

4.º Aconselhar todos os empregados no comércio e indústria a ingressar imediatamente no seu sindicato, imprimindo-lhe assim a força e vitalidade necessárias e imprescindíveis à manutenção das poucas e deficientes regalias já conquistadas e à reivindicação dos justos direitos que só uma sólida organização lhes pode conferir e manter.

A sessão foi encerrada no meio de grande entusiasmo, ficando já organizada nesta área a secção do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abastecimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

PELA INFANCIA!

A «Semana da Criança», valiosíssima iniciativa da Associação de Professores de Portugal, efectua-se este ano, entre os dias 16 e 23 de Maio

A «Semana da Criança» esta utilíssima iniciativa da Associação de Professores de Portugal, vai efectuar-se entre os dias 16 e 23 de Maio.

Não foi isenta de defeitos a sua realização o ano passado, como não podia deixar de ser tratando-se duma inovação a que é tão avesso este país que bem merece ser cognominado de «pátria da rotina». Mas esses defeitos que eram, como acentuamos, inevitáveis devem ser este ano eliminados. Mas—e diga-se já para evitar qualquer mal entendido—esses defeitos não foram de molde a prejudicar gravemente a admirável iniciativa da «Semana da Criança».

A Comissão Central da «Semana da Criança» que é composta pelos srs. António Sérgio, José de Magalhães, Alexandre Ferreira, Ricardo Rosa e Alberto, Alvaro de Carvalho, da Associação de Professores de Portugal; Acácio Gouveia, da União dos Professores Primários; Camões Lima, do Sindicato dos Profissionais de Imprensa; Sebastião da Costa Santos, da Junta Geral do Distrito de Lisboa; António Vieira, das Juntas de Freguesia; Vitória Pais, Eurico de Serra Cardoso e Manuel da Silva, da Liga de Acção Educativa.

Do esboço do programa da «Semana da Criança» transcrevemos hoje as indicações dadas pela comissão, indicações que revelam bem o cuidado de evitar erros e o desejo de que a infância tire desta educativa festa o máximo proveito:

«Antes de tudo, convém que ninguém se esqueça de que as manifestações da «Semana» em que entram as crianças devem ser de alegria e de prazer para elas, e que cumprir evitar, por isso, o obrigá-las a assistir a estranhos discursos, o mantê-las imóveis sob qualquer pretexto, o fatigá-las com longas marchas.

Um dos números que fazem parte da solidariedade para com a criança, aliás muito interessante e assás usado entre nós, é o da distribuição de vestuário e calçado aos pequenos mais necessitados. Esquecendo-se, porém, a máxima cristã, de que se deve dar com a mão direita de modo que a esquerda não saiba, faz-se muitas vezes aquela distribuição de maneira espectacular. Lembremo-nos de quanto isso pode ser deprimente para as crianças contempladas, e reservemos para as sessões solenes, à vista do grande público, a distribuição de lanches, livros, brinquedos, etc. O que constitui auxilio aos mais necessitados que seja distribuído, sim, mas por forma que o saiba o menor número.

Outra manifestação de solidariedade de que se usa e abusa entre nós, também, é a do jantar às crianças, número a que não falta, muitas vezes, o vinho comum, o café, o licor, etc. Evite-se, tanto quanto possível, o uso da jantardada, prazer momentâneo e de consequências educativas, próximas ou remotas, quasi sempre para lamentar; mas sobretudo que nunca se dê às crianças o ensejo do uso do vinho, do licor, do café. E' preferível substituir o jantar por um lanche bem composto e apresentado (queijo, pão, frutas secas, rebuçados, amêndoas, bolos secos, etc.) que é mais delicado e higiénico e não pode por isso provocar os excessos do jantar. As quantias sobranes serão melhor empregadas em recordações ou utilidades mais duradouras, como livros, brinquedos, roupas, etc. A «Semana da Criança», tendo em vista, como não podia deixar de ser, também o desenvolvimento físico da infância, procura, todavia, muito mais, dirigir-se à alma, à espiritualidade dos pequenitos.

Ainda outro prejuizo é o dos bailes infantis. Não necessita a Comissão Central de lembrar os inconvenientes de ordem moral que os bailes encerram. Basta, porém, citar estes dois: que os bailes se arrastam, pelo geral, até horas em que as crianças de há muito deveriam estar repousando em seus leitos, e de que eles são na maioria dos casos um pretexto para que os adolescentes e os adultos bailem e se divirtam à custa e com prejuizo dos pequenitos. A «Semana da Criança» é de alegria e educação para a infância, e a ela se devem dedicar e por ela se não de sacrificar inteiramente os maiores. O contrario será a negação da obra que com a realização de «Semana» se pretende alieçar.

Nas festas ao ar livre, tais como cortejos, paradas, concentrações, etc., deve ter-se sempre presente que as crianças não entram nelas como flores ornamentais, como seres passivos que vão ali para provocar a admiração e o prazer dos adultos. Que se evitem marchas sejam, pois, paradas; angustiosas, calores, torturas, etc., etc. Liberdade, muita liberdade, alegria, muita alegria! E' que os locais de concentração sejam de fácil acesso, arborizados e com água pura e em abundância que elas possam beber.

A não ser nos grandes centros, a «Semana da Criança» não deve ser obra de cada escola mas sim da localidade. Semana única, em que colaborem todos para o mesmo fim, seja qual for o número de escolas e a despeito de todas as diferenças nos pontos de vista dos professores.

O contrario seria roubar à «Semana» todo o espírito de solidariedade, confraternização, permuta de brinquedos e recordações entre as crianças, o que constitui uma das suas mais interessantes e aproveitáveis modalidades.

Também «Semana da Criança» não quer dizer semana inteira de festas em cada localidade, mas sim que cada localidade dê o seu concurso à obra educativa dentro daquela semana. E' que houve localidades onde, à falta de números que preenchessem toda a semana, se caiu nestes dois extremos: ou com uns escassos e singelos números se ocupou toda a semana, pulverizando e arrastando em um conjunto assás dispersivo um programa mais que singelo, ou então, assustados os espiritos com uma semana de trabalhos, e sem números para a preencher, não organizaram trabalho algum.

Um e outro modo de proceder foram para lamentar.

A manifestação da «Semana» pode ser reduzida a uma hora em um só dia. E, por mais modestos que sejam os recursos da localidade, é sempre possível fazer qualquer coisa. Até nos grandes centros não devem as escolas forçar-se a realizar todas as manifestações marcadas no programa

mas restringir-se àquilo que puderem fazer bem, e sem cansaços, contrariedades ou divergências. Pretende-se uma manifestação de bom humor e de concórdia, e não uma origem de aborrecimentos. Uma exposição dos trabalhos escolares; um passeio ou um lanche ou pic-nic na várzea próxima; duas ou três histórias contadas aos pequenitos; uma leitura amena ou uma preleção na escola, e, nas localidades de mais recursos, mas onde não seja possível promover a recitação infantil ou produzir a sessão cinematográfica, uma velada literária, poderão constituir adequadas manifestações do interesse pela criança e pela sua melhor educação.

Os números da «Semana» em que as crianças tomam parte devem ser executados, o mais possível, de dia; e, quando pela sua natureza ou por quaisquer circunstâncias atendíveis ou imperiosas, hajam de realizar-se de noite, que o sejam de modo que terminem o mais cedo possível, não roubando às crianças o mais salutar dos repousos: o do sono nocturno. Vai nisto muito de moral e muito de hygiene.

Um dos números para que a Comissão Central chama mais especialmente a atenção dos educadores é o da criação, intensificação e aperfeiçoamento das associações escolares infantis. Essas associações têm um alto papel a desempenhar na vida da pequenada, pelo poder educativo e criador que encerram. Podem desdobrar-se, oferecendo vários aspectos ou apresentando várias modalidades, interessando nelas vivamente o maior número de crianças, ramificando-se em secções de mutualidade infantil; de protecção às árvores e aves; de cooperativas; museus bibliotecas escolares; de respeito e protecção aos monumentos; ligas de bondade; hortos escolares, etc., etc.»

Continuam activamente os trabalhos preparatórios da Semana da Criança que, conforme já dissemos, se realiza de 16 a 23 de Maio próximo.

A' Biblioteca Nacional de Lisboa, aonde estão instaladas as comissões central e de Lisboa, têm continuado a afluír as adesões a este empreendimento pedagógico, tendo sido das primeiras e das mais entusiásticas a da Comissão Escolar da Construção Civil.

O ministro do Comércio, isentou de franquias toda a correspondência que, tratando de assuntos referentes à Semana da Criança, circule aberta pelo correio até 31 de Maio, próximo, devendo essa correspondência, para não sofrer qualquer demora ou extravio, trazer a indicação: «Semana da Criança», isento de franquias por portaria n.º 4.608 de 17 de Abril de 1920.

A Comissão Central tem já a promessa do auxilio moral e material do ministério da Instrução para este empreendimento, bem como o de diversos organismos oficiais e particulares, tendo sido muito apreciada a iniciativa de continuar a Semana, cujos objectivos educativos é desnecessário encarecer.

No Porto e em Coimbra, aonde o empreendimento Semana da Criança atingiu grande brulhantismo no ano passado, foi a realização, no corrente ano, acolhida com o maior entusiasmo, estando já organizadas as respectivas comissões locais que iniciaram já os seus trabalhos.

A imprensa pedagógica e a maioria dos jornais da provincia referem-se com viva sympathia à realização da Semana da Criança, publicando, alguns d'elles, as instruções da Comissão Central e o programa das comemorações.

União dos Empregados do Comércio do Porto

Assembleia geral ordinária

De harmonia com o artigo 24.º dos Estatutos deste Sindicato são convidados todos os seus associados a reunirem em assembleia geral ordinária no próximo dia 25, pelas 14 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Discussão do relatório de contas do ano social de 1925.

2.º Preenchimento de cargos vagos nos corpos gerentes.

3.º Nomeação de delegados à C. S. T. do Porto e F. P. E. C. (Zona Norte).

Não comparecendo número legal de sindicalistas para se realizar a assembleia, fica a mesma convocada para o dia 28 do corrente, funcionando com qualquer número de sindicalistas.—(a) O Presidente da Assembleia Geral, António Manuel Pires.

Ainda o conflito marítimo

Um esclarecimento do Sindicato dos Fogueiros

A comissão administrativa do Sindicato Unico dos Fogueiros de Mar e Terra enviou-nos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«Em reunião da comissão administrativa, convocada para apreciar alguns casos ocorridos no ultimo conflito marítimo, foi resolvido tornar publico que a agressão de que foi vítima o comandante do vapor «Maria Amélia», sr. Rainha, não foi levada a efeito por dois componentes deste sindicato como alguns jornais se fizeram eco. E tanto assim é que os referidos componentes se encontravam presos, por nada se provar contra eles foram postos em liberdade.

Porisso este sindicato protesta contra a forma desleal com esses jornais insinuaram que os mesmos faziam parte dum «complot», quando é certo que os sindicatos marítimos, ontem como hoje, tratam apenas das suas questões por meios suaviores, e que só poderão responder com violência, no dia que sejam recebidos pela violência.

Também esta comissão agradeceu a maneira altruista com os maquinistas da marinha mercante se portaram neste conflito, dando o seu apoio moral e material à moção aprovada no Sindicato do Pessoal de Cámaras, na qual toda a sua confiança ao maquinista António Pinto de Sousa, e à Associação dos Maquinistas Mercantes Portugueses.—A Comissão Administrativa do Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Manifacutores de Calçado.—A assembleia geral, pelas 21 horas, para apreciar a acção desenvolvida por este sindicato, em virtude de alguns industriais estarem pagando os salários por preços inferiores aos da tabela deste sindicato. Devido à importância do assunto pede-se a comparencia de todos os seus componentes.

Litógrafos e Anexos.—Pelas 19 horas, a comissão administrativa, com os delegados de todas as oficinas. E' conveniente os mesmos virem munidos com os respectivos verbetes de cotação sindical.

Sindicato U. Mobilizadora.—Pelas 20,30 horas, a comissão administrativa com a Caixa de Solidariedade.

Cabouqueiros, Fabricantes de Cal e Trabalhadores de Arieiros.—Para tratar de assuntos de grande importância, pelas 21 horas, na sede da C. do Combro, 38, A-2.º, a comissão administrativa da Associação de Cabouqueiros e Fabricantes de Cal.

Pessoal do Município.—Comissão de Melhoramentos.—A's 21 horas nos Paços do Concelho. Na sede os cobradores com os verbetes para prestarem contas.

S. U. da Construção Civil.—Secção Profissional dos Serventes.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Secção de Alto do Pina.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa. Deve comparecer a esta reunião o secretário da Secção Metalúrgica. Pelas 21 horas, a comissão revisora de contas do 1.º trimestre.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina.—Para apreciar o resultado da vistoria feita na área, pelas 21 horas, com os membros agregados que se desempenharam dessa missão. Pede-se aos camaradas que têm listas do comité pró-presos a cargo desta comissão que as entreguem amanhã, das 21 horas em diante.

Manipuladores de Pão.—Pelas 14 horas, a comissão de melhoramentos para assuntos de grande importância. Devem comparecer à mesma hora todos os camaradas que o possam fazer a fim de distribuir manifestos para a assembleia de domingo que se realiza às 10 horas.

Pintores de Construção Naval.—A direcção às 20 horas, para assuntos urgentes.

DIAS PROXIMOS.

Federação Metalúrgica.—Para tratar de assuntos de alta importância, reúne na próxima segunda-feira, às 20 horas, o Conselho Federal.

Federação da Construção Civil.—Para se ocupar da nomeação de delegados para sessões e comícios a realizar no dia 1.º de Maio, reúne amanhã, imprevelmente, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

Federação Ferroviária.—Amanhã, pelas 19 horas, os deportados de Lourenço Marques.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Conselho Federal.—Reúne-se com a presença dos núcleos de Lisboa, Porto, Barreiro, Evora, Graça do Divórv, Setúbal, Aljustrel, Gaia e de alguns camaradas do comité. Foi lido o relatório do delegado ao sul, sendo aprovado. Pelas comunicações da comissão organizadora foi tomado conhecimento dos nomes dos núcleos que já deram a sua adesão ao congresso. No final foi aprovada uma saudação à Batalha.

Comissão Organizadora do II Congresso.—Reúne hoje, para ultimar trabalhos.

Núcleo de Lisboa.—Reúne-se a assembleia geral para apreciar a tese do Núcleo do Porto e parecer da comissão organizadora do segundo congresso juvenil, os quais foram aprovados por unanimidade.

Reconhecida a falta de tempo, que os delegados ao congresso pelo Núcleo de Lisboa, têm para ultimar os seus trabalhos, resolveu-se dar inteira confiança aos mesmos, considerando desnecessário que as teses baixem à assembleia geral.

Foi aprovado que, em reunião a efectuar depois do congresso, o secretariado cessante e o futuro resolvam, de comum acordo, a data em que o novo secretariado deve tomar posse.

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicato do Porto.—Continuamos aguardando que nos respondam.

Cesteiros de Gonçalo.—Informem do que se passa.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato da Construção Civil do Porto.—Respondam com urgência a um officio da Secção de Estructuras do Sindicato da Construção Civil de Lisboa, respeitante à causa dum sinistro, cujo processo deve ser julgado nessa cidade.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Secção Federal do Norte.—Recebemos relatório, tragam livro caixa para conferir. A. C. O. recebeu officio; ficamos entendidos.

N. J. S. de Silves.—Recebemos officio, entendidos.

Adolfo Freitas e Saul de Sousa.—Representem a Federação na localidade onde estejam, no dia 1.º de Maio.

Núcleos de Aljustrel e Graça de Divor.—Segue officio, resposta urgente.

História Universal del Proletariado

«Vinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola, que